

CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL DE SEUS EGRESSOS

*Viviane de Souza Silvestre¹
Cristiane Nogueira Braga²
Isabela Cabral Félix de Sousa³*

INTRODUÇÃO

A iniciação científica é uma prática não-formal de educação que incentiva o processo de formação profissional dos sujeitos que nela se inserem. Para Coombs (*apud* SOUSA, 2007b), a educação não-formal é aquela constituída de um projeto mais flexível e de curta duração, não orientado para um diploma, onde o principal objetivo é a aprendizagem de habilidades, podendo esta ocorrer em qualquer instituição.

¹ Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Convênio Fiocruz-CNPq) no Laboratório de Iniciação Científica na Educação Básica (LIC-Provoc) da EPSJV, desde agosto de 2007 até a presente data. Desde 2005 cursa Pedagogia na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/Uerj). Contato: vivianes@epsjv.fiocruz.br.

² Mestre em Ensino em Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz, 2006) e professora-pesquisadora do Laboratório de Iniciação Científica na Educação Básica (LIC-Provoc) da EPSJV/Fiocruz. Atualmente coordena a etapa "Avançado" do Provoc-Rio de Janeiro e é co-orientadora do projeto pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fiocruz. Contato: cristi@epsjv.fiocruz.br.

³ PhD em Demografia pela Università Degli Studi La "Sapienza" (2004), professora-pesquisadora do Laboratório de Iniciação Científica na Educação Básica (LIC-Provoc) da EPSJV/Fiocruz. Atualmente é orientadora do projeto pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação Oswaldo Cruz e professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do IOC/Fiocruz. Contato: isabelacabral@epsjv.fiocruz.br.

Embora enquadremos a iniciação científica na modalidade não-formal de educação, sabemos que, no Brasil, ela está intrinsecamente ligada às outras modalidades educacionais, a saber, as modalidades formais e informais:

[...] visto implicar em inserção na educação formal de Ensino Médio ou Superior, requerer instrução não-formal do orientador para participação em jornadas e ser também um trabalho que se fundamenta na relação informal entre orientador e orientando, pesquisadores da equipe, avaliadores e outros estudantes. (SOUSA, 2007b, p. 174-175)

Neves (2001) destaca a década de 1980, no Brasil, como um momento de intensificação dos incentivos a programas de redução de tempo de formação de pesquisadores e de estímulo a iniciativas de popularização da ciência, por meio de ações de caráter prático, como a criação de 'centros de ciências', 'olimpíadas', 'concursos científicos', entre outras. Dentre esta gama de ações, destaca-se, no presente trabalho, o Programa de Vocação Científica, o Provoc, da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), desenvolvido desde 1986.

O Provoc representa uma prática político-pedagógica pioneira no cenário brasileiro, através da qual jovens de Ensino Médio são inseridos em laboratórios das unidades científicas da Fiocruz, no estado do Rio de Janeiro e em outros centros regionais da Fiocruz. Ao longo de sua existência, o programa cresceu consideravelmente, tendo recebido 1.038 alunos, somente no estado do Rio de Janeiro, oriundos de escolas parceiras do programa, além da significativa ampliação do quantitativo de vagas em diversas áreas do conhecimento e em diferentes linhas de pesquisa.

Sobre intervenções políticas voltadas para a juventude, como é o Provoc, Amâncio e Neves (2003) mencionam a necessidade de uma análise que considere as especificidades que caracterizam os sujeitos dessa 'categoria social'. Em sua análise ao 'Programa Jovens Talentos', as já referidas autoras citam algumas das reflexões de Madeira e Rodrigues (*apud* AMÂNCIO e NEVES, 2003, p. 649) sobre a juventude, onde concluem que, apesar das disparidades socioeconômicas, por exemplo, a juventude é "uma espécie de moratória entre a infância e a vida adulta e, quanto ao jovem, a

autora caracteriza como um sujeito empenhado em mudar, experimentar, decidir, escolher [...]”. Posto isto, parece-nos clara a necessidade de avaliar até que ponto a prática pedagógica empreendida pelo Provoc pode propiciar vivências significativas, a ponto de colaborar no desenvolvimento pessoal e profissional destes jovens e, também, no processo de escolha das carreiras.

Grosso modo, então, podemos apontar a juventude como uma etapa de transição, onde o sujeito prepara-se para a ‘vida adulta’: sua definição profissional, busca da inserção no mercado de trabalho, entre outras. Articulando esse conceito de juventude às mudanças socioeconômicas transcorridas ao longo da história, principalmente a partir do século XVIII, período da reorganização das relações de trabalho e da sociedade burguesa, veremos que se tornou explícita a necessidade da criação de processos educativos especiais para os sujeitos nessa faixa etária, de maneira a instrumentalizá-los para a prática profissional aos moldes capitalistas. Para isto, estrearam no tecido social instituições como a escola e a fábrica, que articulam a formação do homem em ‘homem’. Isto porque, segundo Saviani (2007), o homem não nasce homem, mas aprende a construir sua existência.

À luz das contribuições teóricas de Saviani fica clara a relação intrínseca entre educação e trabalho. Expondo a ilustração do próprio autor, nas comunidades primitivas “os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la” (SAVIANI, 2007, p. 154). E, em contrapartida, com o processo de privatização dos meios de produção e a conseqüente divisão em classes da sociedade, fundamentou-se a prática da ‘divisão social do trabalho’ como ruptura da relação entre trabalho e educação. Deste momento histórico-social até nossos dias, a ‘divisão social do trabalho’ passou a balizar as práticas das instituições sociais responsáveis pela educação e formação profissional, de maneira geral. A escola, uma destas instituições após a Revolução Industrial, ascendeu como forma principal e dominante de educação, que, num primeiro momento, se subdividia em classes: “[...] classe proprietária, uma escola centrada nas atividades intelectuais,



nas artes e na palavra e a classe dos trabalhadores, uma educação diretamente assinalada ao processo de trabalho” (SAVIANI, 2007, p. 159).

De lá para cá, com a universalização da educação formal, que, segundo Coombs (*apud* SOUSA, 2007a), corresponde a práticas configuradas em projetos longos, seqüenciados, orientados para um diploma, a escola, ainda que apenas no plano político, unificou-se e, na tentativa de proporcionar uma certa familiaridade com o processo produtivo, elegeu como prática pedagógica a abordagem demasiadamente abstrata dos conhecimentos e, quanto ao trabalho, uma mera prática de “adestramento em uma determinada habilidade” (SAVIANI, 2007, p. 161). Se em nossa organização social o trabalho representa uma mediação entre o mundo subjetivo e a realidade objetiva da própria sociedade (VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2004), como esperar que os jovens submetidos a este processo possam formar-se como sujeitos sociais em clara articulação a sua formação profissional, a partir deste contexto?

Assim, programas de iniciação científica colaboram para a inserção de jovens em práticas profissionais científicas, visando não só à redução do tempo de formação de pesquisadores, mas também à interação entre o processo de formação profissional e o mundo do trabalho, além de contribuir no processo de divulgação da ciência e da produção tecnológica. E, nesse sentido, é interessante enfatizar que, além de uma política de formação de mão-de-obra qualificada para a área das ciências e na docência de Ensino Superior, de modo geral, os programas de iniciação científica despontam como um suporte para o aluno no cotidiano escolar e uma oportunidade, em linhas gerais, para o desenvolvimento de aptidões e de responsabilidades, por exemplo, tão necessárias a qualquer área de atuação profissional. A iniciação científica, como destacam Amâncio e Neves (2003), é uma experiência que amplia as possibilidades dos estudantes nos campos profissional e pessoal.

Neste sentido, Amâncio et al (1999), em análise sobre o Provoc, apresentam esta política como um modelo educacional estratégico que, além de colaborar para o surgimento de talentos, descortina um caminho para estreitar as relações entre a escola e o mundo do trabalho. Posto isto, parece-nos clara a necessidade de analisar até que ponto a prática pe-

dagógica empreendida pelo Provoc pode propiciar vivências significativas, de modo a colaborar no desenvolvimento pessoal, ou seja, na construção de uma identidade pessoal e social, além de contribuir na escolha de carreiras profissionais e na compreensão do mundo do trabalho e deste como um conceito amplo e uma atividade constitutiva do próprio homem como ser social.

CARACTERÍSTICAS DO PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

O Provoc conta com 22 anos de existência na EPSJV/Fiocruz. É considerado pioneiro por encaminhar estudantes de Ensino Médio para participarem de atividades em laboratórios de pesquisa. Apesar de o programa ter se iniciado no campus da Fiocruz do Rio de Janeiro, atualmente ele não se circunscreve apenas a este estado. De lá para cá, vem se ampliando, se desdobrando, envolvendo várias unidades da Fiocruz, além de outras instituições parceiras.

O Provoc continua mantendo convênios com unidades escolares, as quais encaminham alunos interessados pela iniciação científica. A inserção dessas escolas no programa vem ocorrendo de forma gradativa no percurso do tempo, acompanhando sua história. Até o momento, o Provoc do Rio de Janeiro mantém convênio com nove escolas públicas (Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Colégio Pedro II – unidades Centro, Engenho Novo, Humaitá, Niterói, São Cristóvão, Tijuca e Realengo – e Colégio Estadual André Maurois), três privadas (Centro Educacional Anísio Teixeira, Colégio São Vicente de Paulo e Instituto Metodista Bennett) e escolas da rede pública estadual, através de convênio com duas organizações não-governamentais (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré/CEASM e Rede de Empreendimentos Sociais para o Desenvolvimento Justo, Democrático, Integrado e Sustentável/CCAP, de Mangueiras).

As atividades nos laboratórios da Fiocruz são orientadas por um ou mais pesquisadores responsáveis. O estudante começa suas atividades



des nos laboratórios/setores da instituição no segundo semestre do primeiro ano do Ensino Médio. As atividades programadas são para o período de um ano, sendo esta etapa denominada como Provoc-Iniciação. Durante este período, além das atividades nos laboratórios, os alunos também participam de atividades programadas pela coordenação do Provoc que são de orientação, acompanhamento e apresentação de trabalhos em pôsteres e certificação. Neste período, é proposta aos alunos que queiram continuar no Provoc a elaboração de subprojetos de pesquisa juntamente com seus orientadores.

Portanto, os alunos interessados encaminham subprojetos ao Provoc, que são avaliados pela Comissão de Avaliação de Subprojetos para a Etapa Avançada do Provoc. Havendo parecer favorável, os alunos passam a integrar o Provoc-Avançado e continuam a participar das atividades dos laboratórios e das programadas pela coordenação, que vão envolver, além das atividades de orientação e apresentação de trabalhos em pôsteres, como na anterior, apresentação de trabalhos em formato de comunicação oral. Nesta etapa, também há certificados pela conclusão e, além da obrigação de apresentação de trabalhos no interior da Fiocruz, os alunos são incentivados a apresentar seus trabalhos fora da instituição na Reunião Anual da Federação de Sociedades de Biologia Experimental (Fesbe), mesmo que seus trabalhos não tenham relação com a biologia experimental.

Em termos de duração da experiência, alguns alunos de Ensino Médio permanecem na Fiocruz, através do Provoc, por até quase três anos, quando fazem tanto o Provoc-Iniciação, com duração de 12 meses, como o Provoc-Avançado, com duração de vinte meses. O ano acadêmico do Provoc inicia-se no segundo semestre letivo e termina no primeiro semestre letivo. Assim, muitos alunos finalizam o programa concomitantemente ao primeiro semestre da graduação. Há casos de desistência do Provoc que se dão por diversos motivos, tais como a preparação para o vestibular, a troca de escola e a falta de interesse pelas atividades desenvolvidas no laboratório.



METODOLOGIA

A metodologia utilizada é qualitativa/naturalista, inspirada pela antropologia e pela sociologia, por considerá-la mais adequada ao estudo proposto. Como afirma Chizzotti (1995, p. 27), a pesquisa qualitativa é designada aos estudos onde se pretende “ressaltar as significações que estão contidas nos atos e práticas”. Nesse sentido, a metodologia foi escolhida para o trabalho em questão, procurando analisar quais as possíveis contribuições oriundas da prática de iniciação científica no desenvolvimento pessoal e profissional de jovens, a partir da percepção dos próprios. Pois, segundo Patton (1987), a avaliação do processo tem como foco a maneira pela qual este é percebido pelas pessoas envolvidas. Este autor insiste em dizer que a metodologia qualitativa/naturalista é apropriada para pesquisar programas em detalhe e para propor melhorias dos mesmos. Vale ressaltar que se entende por estudo em detalhe o que verifica todo o processo, ou seja, todos os documentos dos egressos desde o tempo em que, como alunos, fizeram parte do programa.

Acrescente-se, ainda, que esta é uma pesquisa participante, uma vez que a equipe de pesquisa integra parte da rotina do Provoc. A técnica de entrevistas foi uma das estratégias utilizadas para a coleta de dados empíricos. Durante estas, que eram individuais e voluntárias, foi aplicado um questionário aberto que versava sobre questões acerca das experiências advindas da participação no programa e alguns aspectos referentes à carreira profissional destes jovens. Cabe destacar que a escolha dos sujeitos da pesquisa se deu primeiro pelo convite a todos os egressos presentes na XV Reunião Anual de Iniciação Científica da Fundação Oswaldo Cruz (Raic), em outubro de 2007, além de contatos com alguns orientadores presentes nesta reunião.

Como nos aponta Minayo (1996, p. 109-110), “[...] a fala pode ser reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas sócio-econômicas e culturais específicas”. Assim, a fim de compreendermos e discutirmos os fenômenos percebidos em meio



aos dados coletados através das entrevistas, para além de suas aparências imediatas, empregamos a análise de conteúdo, que, como enfatiza Chizzotti (1995), pode se dar por procedimentos muito diversos e inovadores. A escolha da análise de conteúdo procede porque a mesma trabalha com a comunicação e é útil para investigar fatores que permitam inferir sobre uma outra realidade, que não a da mensagem propriamente dita (BARDIN, 1977). Este autor também cita entre as possibilidades de análise de conteúdo: a categorial, a de avaliação, a de expressão, a das relações e a do discurso.

Neste trabalho, elegeu-se a categorial temática, por ser a técnica de análise de conteúdo mais antiga, rápida e eficaz de se aplicar a discursos diretos (BARDIN, 1977). Esta técnica nos permitiu dialogar sobre as concepções político-ideológicas que permeavam seus discursos e, ainda, captar e descrever os temas centrais e os resultados comuns à maioria dos jovens, estabelecendo os padrões homogêneos às entrevistas, bem como a relevância destes padrões face ao grupo dos egressos.

Ressalte-se ainda que, para este processo, estamos seguindo os passos descritos por Guba e Lincoln (1981), os quais aconselham, em todos os dados coletados, verificar em primeiro lugar os aspectos recorrentes; depois prosseguir buscando homogeneidade interna, heterogeneidade externa, inclusividade, coerência e plausibilidade; em terceiro lugar, utilizar estratégias de aprofundamento, ligação e ampliação; e, finalmente, analisar as categorias quanto à abrangência e delimitação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como proposto na metodologia, realizou-se a coleta de dados empíricos por meio de entrevistas individuais com alunos egressos do Provoc. O grupo entrevistado constituiu-se de seis moças e seis rapazes, todos participantes das duas etapas do programa (Iniciação e Avançado). Destaca-se que o Provoc atende em maior número os alunos da rede pública de educação e estes, em sua maioria, têm mantido experiências com instituições públicas de ensino (Tabela 1), uma vez que apenas dois dos egressos entrevistados cursam sua graduação em instituições privadas de ensino (Gráfico 1).



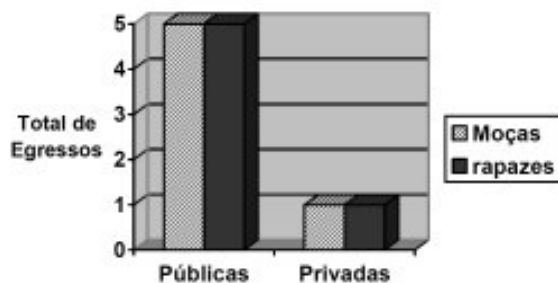
Tabela 1 – Egressos entrevistados por gênero e suas instituições de origem

Instituições parceiras	Rapazes	Moças	Total de entrevistados
CAp Uerj	1	1	2
CAp UFRJ	—	—	0
CCAP*	—	—	0
Ceasm**	—	1	1
Centro Educacional Anísio Teixeira	—	—	0
Colégio Pedro II	3	4	7
Colégio São Vicente de Paulo	1	—	1
Instituto Metodista Bennett	1	—	1
Total de entrevistados			12 egressos

* Rede de Empreendimentos Sociais para o Desenvolvimento Justo, Democrático, Integrado e Sustentável de Mangueiras.

** Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.

Gráfico 1 – Instituições de Ensino Superior



Durante a realização das entrevistas, foi possível perceber que, para os egressos, a experiência da iniciação científica assumiu uma gama de conotações particulares, sendo possível distinguir a nítida contribuição do programa em vários âmbitos de seu desenvolvimento pessoal e profissional, por exemplo. Por isso, tornou-se relevante na construção deste trabalho a análise das contribuições do Provoc no processo de desenvolvimento pessoal de jovens que evidenciam maior socialização, autonomia e eman-



cipação. Para tal, são descritas a seguir algumas respostas de egressos quando questionados sobre a aquisição de conhecimentos úteis ao participarem do Provoc:

Cresci muito em termos de socialização e convivência com outras pessoas. Comecei a andar de ônibus e a pé. (rapaz, 21 anos – Colégio Pedro II)

A apresentação dos trabalhos me ajudou muito porque eu era muito tímido e me desenvolvi muito... (rapaz, 22 anos – CAp Uerj)

Entrar na Fiocruz com 15 ou 16 anos nos dá um grande amadurecimento. (rapaz, 23 anos – Colégio São Vicente de Paulo)

Ressalte-se ainda que alguns egressos destacaram a experiência do Provoc como sendo mais prazerosa do que a da escola que frequentavam:

Fiz amizades e aprendi muito porque não era como a escola, onde você estuda para fazer prova. Fui aprendendo e fazendo com calma. (moça, 25 anos – CAp Uerj)

Para Sousa (2007a, p. 1), “a experiência de alunos em qualquer programa educacional não-formal visando a uma experiência de profissionalização pode confirmar ou despertar interesses profissionais”. Assim, neste trabalho, buscou-se averiguar, segundo a percepção dos próprios egressos, em que medida as experiências vivenciadas ao longo do Provoc colaboraram (in)diretamente em seu desenvolvimento profissional e no processo de escolha das carreiras. Dessa forma, no grupo entrevistado, a maioria destes jovens pretende dar continuidade à formação acadêmica pela inserção em cursos de pós-graduação, inclusive na própria Fiocruz.

Penso em fazer pós-graduação em entomologia, falar sobre o órgão de Haller, projeto que desenvolvo desde o Provoc e quero levá-lo à pós-graduação, aqui na Fiocruz. (moça, 20 anos – Colégio Pedro II)

De modo geral, no tocante ao desenvolvimento profissional, observa-se que é relevante a contribuição do Provoc, tanto pelo contato com o ambiente profissional que propicia aos jovens quanto pela aquisição de habili-



dades úteis a quaisquer áreas de atuação profissional angariadas por estes durante sua inserção no programa.

O Provoc me deu mais opções, mas acabei optando por uma escolha particular. (rapaz, 21 anos – Colégio Pedro II)

Conheci a área de farmacologia quando freqüentei o Provoc... (rapaz, 22 anos – CAP Uerj)

O Provoc fortaleceu minha vontade de fazer biologia... (moça, 24 anos – Colégio Pedro II)

Criamos ainda, durante a análise do material coletado, algumas categorias que ilustrassem as contribuições do Provoc na escolha de carreiras destes egressos, a partir de conotações expressas nas falas dos próprios, bem como ilustra a Tabela 2.

Tabela 2 – Influência do Provoc na escolha profissional

	Determinante na escolha	Confirmou a escolha pretendida	Outras escolhas	Total
Moças	2	3	-	
Rapazes	2	3	2	
Total	4	6	2	12 egressos

Percebeu-se, também, que a profissão de pesquisador é uma carreira de interesse dos egressos, mas, segundo alguns destes, oferece número muito restrito de vagas e pouco retorno financeiro.

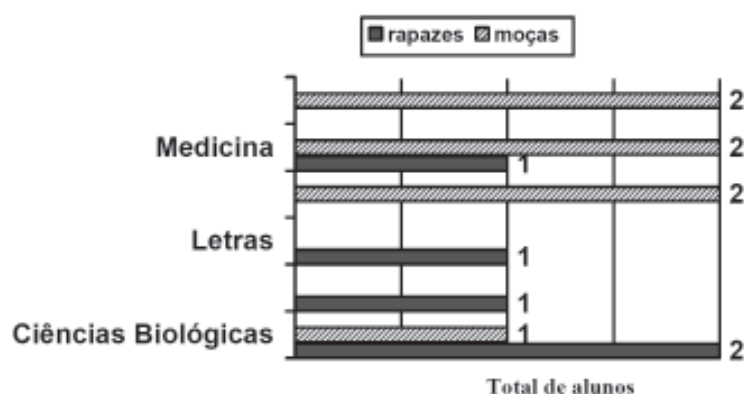
A busca pelo conhecimento é legal, mas precisamos sobreviver. (rapaz, 23 anos – Colégio Pedro II)

Criou-se, ainda, um gráfico com as escolhas de graduação destes egressos (Gráfico 2), onde pode-se visualizar a correspondência entre as escolhas de graduação e as linhas de pesquisa desenvolvidas na Fiocruz, sinalizando uma possível inter-relação entre estas linhas de pesquisa, a forma-



ção do pesquisador-orientador, dos laboratórios freqüentados e a escolha de carreiras dos alunos.

Gráfico 2 – Cursos de Graduação escolhidos, por gênero.



Destaca-se que, apesar da intrínseca articulação entre teoria e prática no cotidiano da iniciação científica, neste grupo analisado foram percebidas, na fala de alguns egressos, concepções dicotômicas referentes ao trabalho 'prático' e à pesquisa.

○ trabalho no laboratório é um pouco egoísta, é só para a gente crescer profissionalmente e intelectualmente... (moça, 21 anos – Colégio Pedro II)

Considerando que na iniciação científica os alunos, em linhas gerais, vivenciam uma *práxis* educativa onde teoria e prática exercem relação de complementaridade, tornou-se relevante na execução deste estudo analisar as concepções de trabalho perceptíveis nos discursos dos egressos, buscando-se compreender se esta *práxis* colaborou na ampliação da concepção de trabalho destes, posto que é corrente no senso-comum a percepção unilateral do trabalho como produção de capital dentro das relações capitalistas. Dessa maneira, criou-se ao longo da análise das falas destes egressos algumas categorias que revelam estas concepções ideológicas.



Estas categorias são: 1) a 'prazerosa', onde se concebe o trabalho como uma fonte geradora de satisfação do sujeito, um campo onde este se realiza; 2) a 'conciliatória' (monetária e prazerosa), onde se concebe o trabalho como fonte de satisfação pessoal, mas também geradora de renda, uma ponte para o consumo; 3) a do 'bem social ou de intervenção social', freqüente no discurso dos egressos que cursam sua graduação em medicina, onde entendem o trabalho como uma forma prática de intervenção na sociedade, de ajudar o próximo diretamente; 4) e a concepção 'monetária', que compreende o trabalho exclusivamente como um meio de inserção na sociedade de consumo, uma fonte geradora de renda.

Eu não trabalho, me divirto. Trabalho é sacrifício. Não é o que faço. (rapaz, 23 anos – Colégio Bennett) – a concepção 'prazerosa'

Na verdade, trabalho é um meio para conseguir outras coisas. Ninguém trabalha só por trabalhar. Sabendo fazer as escolhas certas, o trabalho pode servir para o crescimento pessoal, para a satisfação, mas depende da pessoa e do trabalho. (rapaz – 21 anos, Colégio Pedro II) – a 'conciliatória'

O trabalho é uma forma de tentar ajudar quem você pode. (moça – 21 anos, Colégio Pedro II) – a de 'intervenção social'

É essencial também para ter um retorno financeiro, pois não dá para ser sustentada pelos pais a vida toda. Não dá para ser dependente. Cada um tem que trabalhar e seguir sua vida. (moça, 25 anos – CAP Uerj) – a 'monetária'

Enfatiza-se que, em algumas falas, foram encontradas mais de uma concepção de trabalho. Apesar disto, a monetária foi a mais freqüente, nos levando a perceber que grande parte dos jovens dispõe de concepções de trabalho relacionadas à ideologia capitalista.



CONCLUSÃO

É fato que qualquer experiência educativa imprime marcas nos sujeitos que dela participam. Assim, a inserção em programas de iniciação científica vivenciada por jovens do Ensino Médio tende a proporcionar uma ampliação dos horizontes de vida destes, de modo geral, bem como promover uma interação com o mundo do trabalho relativamente mais crítica e menos abstrata se comparada à empreendida por alguns outros programas educacionais ou políticas de formação para o trabalho. Isto porque a iniciação científica representa uma prática pedagógica onde teoria e prática constituem-se em elementos indissociáveis, e trabalho e pesquisa, princípios educativos, que almejam uma formação não fragmentada e emancipatória, cujo objetivo primeiro é a formação de homens capazes de compreender dialeticamente a realidade em que estão inseridos, de modo a romper com os processos de hierarquização que pautam a organização social tal como está posta.

Os resultados obtidos neste estudo apontam que a inserção no Provoc tem contribuído de forma significativa no desenvolvimento pessoal de jovens, segundo a percepção dos próprios. O Provoc constitui-se em uma política estratégica no âmbito da divulgação da ciência e da inovação tecnológica entre jovens, uma vez que os estimula a participarem de atividades científicas, como jornadas e congressos, além da publicação de artigos, entre outras, e principalmente motiva a inserção 'precoce' destes em programas de pós-graduação.

Quanto ao desenvolvimento profissional de jovens, conclui-se que a inserção no Provoc tem clara contribuição, posto que, segundo os próprios egressos, o contato que passam a estabelecer com o ambiente profissional e as habilidades que adquirem durante sua interação nas atividades de pesquisa e na rotina dos laboratórios de maneira geral são úteis a quaisquer outras áreas de atuação profissional. Destacando-se ainda que as linhas de pesquisa, ou áreas de estudo dos laboratórios, ou mesmo a formação profissional do orientador ou de outros membros da equipe de pesquisa, têm exercido relativa influência na escolha dos cursos de graduação destes jovens, visto que se encontrou uma correspondên-



cia entre as áreas de atuação durante o Provoc e as carreiras pretendidas pelos jovens.

Torna-se relevante citar, ainda, a necessidade de formulação de políticas públicas que considerem um fenômeno bem característico a este momento histórico-social, que é o prolongamento da juventude. Ou seja, nas sociedades organizadas em torno do trabalho produtivo, em geral, a transposição da juventude para a idade adulta é marcada pelo processo de inserção no mercado de trabalho. No entanto, percebeu-se, durante a realização deste estudo, que estes jovens têm postergado sua inserção no mercado de trabalho, pois é grande o número de jovens que pretende começar a trabalhar, no mínimo, após a conclusão do mestrado, até porque a maior qualificação pode vir a gerar maior retorno financeiro, bem como maior autonomia e melhores condições de trabalho de maneira geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, A. M.; QUEIROZ, Ana Paula; AMÂNCIO FILHO, Antenor. *O Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz (Provoc) como estratégia educacional relevante*. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 6, n. 1, p. 181-193 1999.

AMÂNCIO, A. M.; NEVES, R. M.. *Conhecendo seus próprios talentos: jovens de escolas públicas em instituições de pesquisa no Rio de Janeiro*. Educação & Sociedade, v. 24, n. 83, p. 645-658, 2003.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1977.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. *Effective Evaluation*. São Francisco: Jossey-Bass, 1981.

MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

NEVES, R. M. C. das. *Lições de iniciação científica ou a pedagogia do laboratório*. História, Ciência, Saúde, v. 7, p. 71-97, 2001.



PATTON, M. Q. *How to Use Qualitative Methods in Evaluation*. Newbury Park: Sage, 1987.

SAVIANI, D. *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. Revista Brasileira de Educação, v. 12, p. 152-165, 2007.

SOUSA, I. C. F. de. *Vocação científica e profissão: Análise da trajetória profissional de egressos do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz*. Projeto de pesquisa. Programa de Aperfeiçoamento do Ensino Técnico (Paetec), realizado através de convênio com a Fundação Carlos Chagas de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Rio de Janeiro: 2007a.

SOUSA, I. C. F. de. O grau de clareza quanto às escolhas profissionais de moças e rapazes do Ensino Médio participantes do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz. In: PEREIRA, I. B.; RIBEIRO, C. G. (Coord.). *Estudos de Politécnica e Saúde (vol. II)*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2007b. p. 167-191.

VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA, I. D. (Orgs). *Orientação Vocacional: alguns aspectos, técnicos e práticos*. 1. ed. São Paulo: Vetor. 2004.

